

## OS DESAFIOS DO ENSINO DA TEMÁTICA RELEVO NA GEOGRAFIA ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS NA REGÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Rogério Oliveira de Brito<sup>1</sup> - Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-9306-093X>  
Francisco Davy Braz Rabelo<sup>2</sup> - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4326-0729>

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Coari, Amazonas, Brasil \*

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Tefé, Amazonas, Brasil \*\*

*Artigo recebido em 27/02/2024 e aceito em 28/02/2024*

### RESUMO

O presente artigo visa analisar o ensino de relevo no contexto escolar e propor a partir de uma aula de regência recursos para trabalhar a temática de relevo, desenvolvida em uma escola da rede estadual, no município de Coari. A metodologia de realização do trabalho, envolveu o levantamento bibliográfico, planejamento da aula, pesquisa e a preparação do conteúdo, a execução da aula e a análise dos resultados. Como principais resultados podemos citar discussão teórica apresentada sobre a temática de relevo, abordando os significados e o ensino de relevo no contexto escolar, relato de experiência da aula de regência e perfis de elevação da cidade de Coari - Am como material didático para trabalhar o contexto local do estudante.

**Palavras-chave:** ensino de geografia; estagio supervisionado; ensino de relevo; regência no ensino fundamental

### THE CHALLENGES OF TEACHING THE THEME OF RELIEF IN SCHOOL GEOGRAPHY: EXPERIENCES OF TEACHING IN ELEMENTARY SCHOOL II

#### ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the teaching of relief in the school context and to propose resources for working on the theme of relief, based on a lesson developed in a state school in the municipality of Coari. The methodology used to carry out the work involved a bibliographical survey, planning the lesson, researching and preparing the content, carrying out the lesson and analyzing the results. The main results include a theoretical discussion on the subject of relief, addressing the meanings and teaching of relief in the school context, an experience report of the lesson and elevation profiles of the city of Coari - Am as teaching material to work with the students' local context.

**Keywords:** geography teaching; internship; relief teaching; elementary school teaching

\* Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: [rodb.nge@uea.edu.br](mailto:rodb.nge@uea.edu.br)

\*\* Professor do curso de Licenciatura em Geografia, no Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST, Universidade do Estado do Amazonas - UEA. E-mail: [frabelo@uea.edu.br](mailto:frabelo@uea.edu.br)

## **LOS RETOS DE LA ENSEÑANZA DEL TEMA DEL RELIEVE EN LA GEOGRAFÍA ESCOLAR: EXPERIENCIAS DE ENSEÑANZA EN LA ESCUELA PRIMARIA II**

### **RESUMEN**

El objetivo de este artículo es analizar la enseñanza del relieve en el contexto escolar y proponer recursos para trabajar el tema del relieve, a partir de una lección desarrollada en una escuela pública del municipio de Coari. La metodología utilizada para llevar a cabo el trabajo consistió en un estudio bibliográfico, la planificación de la lección, la investigación y preparación del contenido, la realización de la lección y el análisis de los resultados. Los principales resultados incluyen una discusión teórica sobre el tema del relieve, abordando los significados y la enseñanza del relieve en el contexto escolar, un informe de experiencia sobre la lección y perfiles de elevación de la ciudad de Coari - Am como material didáctico para trabajar con el contexto local de los estudiantes.

**Palabras clave:** enseñanza de la geografía; practicas; enseñanza de relieve; regencia en la enseñanza primaria

### **INTRODUÇÃO**

A Geografia Escolar, exerce papel central no processo de formação dos estudantes, tanto no que se refere a formação geral de conteúdos, quanto no que se refere a formação cidadã do indivíduo. Isso ocorre pela pluralidade de temáticas abordadas dentro do componente curricular de geografia, que vão desde os aspectos sociais aos aspectos físicos-naturais.

Nos referimos neste trabalho as temáticas físico-naturais, que no Ensino Fundamental não são abordadas somente pelo componente curricular de geografia, mais pelas ciências naturais também. No entanto, ambas as disciplinas dão abordagens diferentes para a referida. Na geografia tais temáticas dizem respeito à: Geomorfologia, Geologia, Hidrografia, Hidrosfera, Litosfera, etc. No presente buscamos trabalhar a Geomorfologia e em particular o relevo.

O ensino de relevo no âmbito da Geografia Escolar tem sido abordado em livros didáticos e por alguns professores como algo estático, e muitas vezes desvinculado da realidade do aluno, tais ideias foram trabalhadas por Morais (2011) e Bertolini e Valadão (2009). Isso se deve em virtude do modo como tradicionalmente os conteúdos da geografia vêm sendo trabalhado, de forma fragmentada e, que o cotidiano do aluno não é levado em consideração, pois o livro didático que por vezes é o principal (único) instrumento utilizado pelo professor para trabalhar os conteúdos, não está contextualizado com a realidade do aluno/escola e pelas carências do momento formativo do professor, este não tem a possibilidade de fazer essa contextualização, atrelado a essas questões,

destacamos que na escola onde se desenvolveu a regência o conteúdo de relevo está condicionado a apenas uma única aula (NETO e BARBOSA, 2010).

Diante do exposto, buscamos trabalhar a temática que envolve o relevo, traçando discussões teóricas sobre os significados atribuídos ao relevo ao longo do tempo histórico. Isto implica discutir as várias percepções atribuídas a este componente das temáticas físicos-naturais, como o valor financeiro que uma determinada unidade de relevo pode ter, a importância do ponto de vista estratégico ou os riscos e potencialidades que estas podem proporcionar.

Discutimos o ensino de relevo no âmbito da Geografia Escolar, partindo da premissa de que o ensino de relevo é essencial no processo formativo dos estudantes, mas que em alguns casos é trabalhado de forma descontextualizada da realidade do aluno, fazendo com que este acabe não tendo interesse pelo conteúdo. Dessa forma, buscamos discutir nos teóricos que trabalham a temática, como esse ensino pode ser melhor trabalhado para despertar o interesse do estudante e promover a ele uma formação que seja significativa.

Com isto, este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no contexto do Estágio Supervisionado I, do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, a pesquisa teve caráter observacional e experimental. O principal objetivo deste trabalho é analisar o ensino de relevo no contexto escolar e propor a partir de uma aula de regência recursos para trabalhar a temática de relevo.

Como objetivos específicos nos propomos a apresentar os elementos teóricos fundamentais da Geografia Escolar nos seus aspectos históricos, bem como apontar a importância dessa disciplina no âmbito escolar; discutir os significados do relevo, e o ensino dessa temática no domínio da Geografia Escolar, para além disso, apontar alternativas de como contextualizar o ensino de relevo com a realidade do estudante de modo que ele se perceba como atuante nos processos de modelagem do relevo e como o relevo pode interferir na organização do espaço.

Teoricamente o trabalho está fundamentado nos autores que discutem a Geografia Escolar e o Ensino de Relevo, e para a obtenção dos resultados utilizamos as experiências da prática de regência que teve como tema “Aspectos Físicos do Brasil: Relevo”, trabalhado no 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no município de Coari no Estado do Amazonas.

O trabalho está estruturado em duas partes principais, quais sejam: referencial teórico, onde tecemos discussões sobre a Geografia Escolar e a sua importância, o significado do relevo e o ensino

de relevo no âmbito da Geografia Escolar; Realização da regência, onde apresentamos o relato de experiência do que foi realizado na aula.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa teve caráter observacional e experimental, o primeiro diz respeito a um dos métodos mais utilizados nas ciências sociais, podendo ser considerado em alguns casos o mais primitivo e impreciso, já em outros o mais moderno, por possibilitar um elevado grau de precisão nas ciências sociais. O segundo consiste em submeter os objetos de estudo à influência de certas variáveis, que neste trabalho se caracterizam no formato em que a aula foi proposta (Gil, 2008).

Foi realizada revisão bibliografia sobre os autores que trabalham as temáticas físico-naturais e o Ensino de Geografia, mais precisamente a temática de relevo, dando ênfase a análise do livro didático e artigos através do site de busca Google Acadêmico, dentre eles destacamos Ross (2011), Caseti (1994), Oliveira e Neto (2009), Bertolini e Valadão (2009), Brito *et al.* (2015) e Moraes (2011). Dentre os autores que trabalham o Ensino de Geografia, destacamos Alves e Avelar (2021), Menezes (2016), Pontuschka; Paganlli; Cacete (2007) e Cavalcanti (2011). Foi realizado, também, uma revisão cartográfica para buscar mapas de estrutura geológica, mapa do Brasil em alto-relevo, bem como os mapas de classificação do relevo do Brasil mais recentes, um de Jurandy Ross e outro de Aziz Ab'Saber.

Elaboração do plano de aula, desenvolvido em uma única aula de 45 minutos. O conteúdo trabalhado foi escolhido dentre os que estavam previsto para serem trabalhados na semana, seguindo o planejamento da professora titular. Os objetivos da aula foram os seguintes:

Objetivo geral:

- ✓ Compreender as principais classificações do relevo brasileiro: Proposta por Aziz Ab' Saber e Jurandy Ross.

Objetivos específicos:

- ✓ Relacionar as estruturas geológicas com as formas de relevo existente no Brasil;
- ✓ Reconhecer e localizar as principais formas do relevo brasileiro;
- ✓ Identificar a formação de relevo em que está localizado a cidade de Coari – AM.
- ✓ Elaboração do perfil de elevação utilizando o Google Earth Pro. Selecionamos a área do centro da cidade onde está localizada a escola, foi traçado um perfil (Norte – Sul) e outro (Leste – Oeste).

A metodologia utilizada foi uma aula expositiva dialogada, onde buscamos por meio da percepção dos alunos, sobre o entorno da escola, caminho que eles costumam perfazer quando se deslocam de casa para a escola, trabalhar o entendimento deles sobre o relevo. Utilizamos como recurso um projetor multimídia, uma tela retrátil e um notebook. Elaboração de uma atividade dissertativa contendo 6 (seis) relacionadas ao conteúdo trabalhado, a fim de obter um feedback dos alunos quanto ao entendimento da aula.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico nos conduz por uma discussão acerca da Geografia Escolar, buscando trabalhar a sua gênese e, destacando a importância desta temática no ensino e aprendizagem. No segundo ponto, discutimos os significados do relevo, e dessa forma justificando porque estudá-lo, ao finalizar a discussão buscamos trabalhar o ensino de relevo na Geografia Escolar.

### ***A GEOGRAFIA ESCOLAR: ABORDAGENS E PERSPECTIVAS***

Muitas são as discussões realizadas sobre a Geografia, ciência que historicamente tem se deparado com dilema consigo mesma, se é humana ou física, de modo que proporcionou um desenvolvimento fracionado do conhecimento geográfico (CLEMENTE, 2007; ALVES e AVELAR, 2021). A Geografia Escolar, muitas vezes incompreendida e rotulada como “chata” por vezes questionada sobre o “para que, e o porquê” ser trabalhada, carrega consigo todos os traços históricos dessa ciência, isso porque está precede a Geografia científica, conforme aponta Menezes (2016, p. 37) “a Geografia Escolar possui uma história que está atrelada à própria historiografia da Geografia[...]”.

Ainda sobre o dilema da ciência geográfica, Alves e Avelar (2021) destacam que essa fragmentação em Geografia Física e Geografia Humana, infere na negação da mesma, enquanto ciência que estuda o espaço geográfico e, desse modo, a relação sociedade-natureza, que ela mesmo é historicamente produzida e reproduzida e materializada no espaço, ou seja, o que deveria ser estudado de forma articulada é muitas vezes separado em partes, que por vezes não voltam a si articular.

Para Menezes (2016), a Alemanha foi o lugar onde tal ciência foi sistematizada entre o século XVIII e início do XIX, dado ao contexto histórico do momento, em que essa nação buscava expandir

seus territórios, e foi no contexto escolar onde primeiramente ela foi trabalhada, a fim de construir uma identidade nacional que promovesse a unificação desta. No caso brasileiro, a Geografia só foi incorporada no contexto escolar no século XIX, visando formar os alunos cidadãos, trabalhando na perspectiva tradicional com assuntos genéricos sobre o mundo e buscava despertar o nacionalismo patriótico (PINHEIRO e LOPES, 2021). Percebe-se neste contexto que os conhecimentos e a disciplina estão sempre atrelados a uma questão de poder e dominação, de modo que a mesma é usada principalmente pelos “Governos”.

Por muito tempo o sistema de ensino brasileiro esteve pautado na tendência pedagógica tradicional que mantinha no professor o papel central no processo de ensino-aprendizagem, este era detentor de todo o conhecimento, quanto ao papel do aluno era de receptor de informações, considerado uma tábula rasa, desprovido de qualquer conhecimento, tal tendência não permitia o questionamento (LIBÂNEO, 1985).

A partir dos anos 80, do século XX, com a abertura política, o contexto brasileiro foi alterado, e aconteceram mudanças no sistema educacional do país como a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no ano de 1996, e em decorrência dessa lei a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (MENEZES, 2016). É válido ressaltar, que não só o sistema de ensino sofreu mudanças, mas a própria Geografia, enquanto disciplina, que outrora seguia a corrente de pensamento tradicional, pautada na análise e descrição da paisagem e, a partir desse momento, passa a seguir uma vertente crítica, que busca a reflexão da realidade e consequente transformação desta.

Dentro desse contexto histórico de transformações tanto no sistema de ensino quanto no próprio Ensino de Geografia, ainda persiste as questões: para que e para quem ensinar Geografia? Como ensinar Geografia? Isso porque o professor de geografia no seu contexto formativo ainda tem dificuldade em associar a Geografia que ele estuda na academia com a Geografia Escolar, trabalhada no seu dia a dia enquanto professor. Isso ocorre porque as aulas universitárias, não são voltadas para o contexto escolar, de forma que as disciplinas voltadas ao ensino são às vezes inexpressíveis (CAVALCANTI, 2011).

Diante do exposto, façamos a seguinte questão: por que estudar Geografia no contexto escolar? Respondendo a essa indagação, Pontuschka; Paganelli; Cacete (2007) destacam que a Geografia, enquanto disciplina escolar, oferece subsídios para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seus conhecimentos sobre as múltiplas realidades sociais, isto porque o objeto de estudo dessa ciência é principalmente o espaço geográfico, este constituído de espaço “fixo”

material somado as ações realizadas pelo ser humano. Dessa forma, é a Geografia, devidamente contextualizada, que dá condições teórica e epistemológica para pensarmos sobre o mundo, no sentido mais amplo da palavra.

### ***OS SIGNIFICADOS DO RELEVO COMO JUSTIFICATIVA DA TEMÁTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA***

É a partir deste ponto que nos propomos a discutir o relevo, na abordagem do ensino de geomorfologia, no contexto da Geografia Escolar, como forma de refletirmos sobre o espaço e o contexto do aluno. Para guiar nossa discussão façamos os seguintes questionamentos: O ensino da temática geomorfológica nos permite uma leitura da realidade vivida pelo aluno? Como a caracterização do relevo pode proporcionar ao aluno compreender as nuances da realidade que ele está inserido?

É necessário compreender, antes de mais nada, os significados atribuídos ao conceito de relevo, que segundo Oliveira e Neto (2009), este teve vários sentidos ideológicos ao longo da história da humanidade. Os autores apontam dois significados do relevo no sentido ideológico, um histórico e geopolítico e outro como condição de externalização. Isso se dá em virtude de as sociedades se assentarem no relevo (terreno) e esse ser um ponto estratégico que historicamente foi utilizado de forma racional para proteção ou para favorecimento de determinada população.

Ainda sobre o significado geopolítico do relevo, Casseti (1994) esclarece que a base topográfica já foi discutida por Sun Tzu, há mais de 2.500 anos, isto porque a topografia do terreno para as civilizações passadas era um fator estratégico, que daria vantagens sobre seus inimigos no caso de guerras e no que tange o desenvolvimento da comunidade. Tais ideias podem ser evidenciadas nos escritos de Carlos (2013), quanto ao uso e ocupação do solo urbano, em que a mesma aponta que as melhores áreas, isto inclui o terreno e concomitante a isso, o relevo, são ocupadas por pessoas de classe sociais mais elevadas, deixando claro que o relevo tem valor simbólico e econômico, deste modo a autora corrobora com as ideias de Oliveira e Neto (2009, p. 134) que destacam que “o relevo foi tomado por muito tempo como aspecto facilitador ou como barreira no processo de ocupação ou proteção dos grupos sociais”.

Diante do exposto, é evidente o papel dos conhecimentos concernentes ao relevo no processo formativo do ser humano, e sobretudo na Educação Básica, onde os estudantes tem a possibilidade de se perceber espacialmente. De forma, que estes conhecimentos constituem uma ferramenta

essencial para o planejamento de ocupação de áreas, isso porque o estudo sobre o relevo oferece uma análise sobre as potencialidades e fragilidades que o ambiente pode apresentar (OLIVEIRA et al., 2006). Sobre os conhecimentos geomorfológicos, Bertolini e Valadão (2009, p. 28) destacam que “não é possível ignorar as formas da superfície terrestre, independente do tamanho [...] é sobre elas que a humanidade está assentada e é também por meio delas e de suas transformações que se dão as diferentes funcionalizações do espaço”.

Conforme o exposto, podemos inferir que os conhecimentos geomorfológicos, sobre o componente de relevo são essenciais para uma formação cidadã significativa ao permitir que os estudantes se percebam espacialmente e possam responder ou levantar questões como: por que isso acontece no meu bairro? Por que isso não acontece no meu bairro? Por que os terrenos em áreas de igarapé são mais baratos do que em áreas mais elevadas? Tais conteúdos são abordados dentro da temática físico-naturais presente no componente curricular de Geografia.

### ***O ENSINO DE RELEVO NO ÂMBITO DA GEOGRAFIA ESCOLAR***

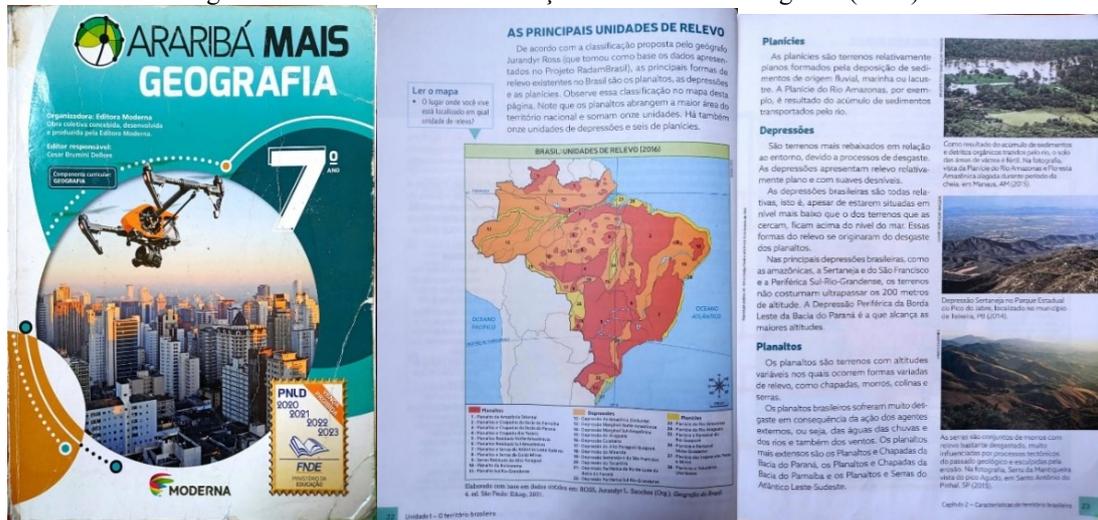
A Geografia Escolar, enquanto componente curricular da Educação Básica, aborda principalmente duas temáticas, uma voltada para os aspectos sociais: cidade, relações de trabalho, espaço urbano, etc., e outra que trabalha os conteúdos físico-naturais: Geologia, Climatologia, Hidrografia, Pedologia, Geomorfologia, etc. Nesse sentido, o relevo se encaixa na temática físico-naturais, pois este é o principal objeto de estudo da geomorfologia.

O relevo é um dos aspectos abordados pela Geografia Física, sendo o principal elemento estudado pela ciência geomorfológica. E por conseguinte, tem suas bases epistemológicas fundamentadas principalmente na Geografia Tradicional que prima a separar o elemento homem da natureza, fazendo emergir a dicotomia na ciência geográfica, representadas pela Geografia Física e Geografia Humana e, desta forma, cria-se uma fragmentação nos conteúdos físicos e sociais (BRITO et al., 2015).

Tal dicotomia, influencia diretamente nos conteúdos trabalhados na Geografia Escolar, principalmente no que diz respeito a Educação Básica. E nesse sentido, o conteúdo de relevo também sofre essa influência, este que de acordo com Bertolini e Valadão (2009, p. 33): “foi tratado pelos livros didáticos e pelos professores como algo estanque, desvinculado das relações entre a sociedade e a natureza e da realidade dos discentes”. Fato que pode ser evidenciado no conteúdo de relevo

proposto no livro didático de Geografia do 7º ano, da editora Moderna, Coleção Araribá Mais Geografia (2018), que destina ao conteúdo de relevo apenas duas páginas (Figura 01).

Figura 01: Livro didático da Coleção Araribá Mais Geografia (2018).



Fonte: Livro ARARIBÁ MAIS GEOGRAFIA, 2018.

Associando as ideias dos autores acima citados e as informações presentes no livro didático (Figura 01), é explícito a negligência da Geografia Escolar em relação à temática do relevo. Sendo esse um conteúdo complexo e, com apenas duas páginas dedicadas a abordagem da temática, lançamos os seguintes questionamentos: Como tornar o ensino de relevo interessante ao aluno? Como articular também o conteúdo com a realidade do aluno? E nesse contexto, dependendo do processo de formação do professor, a situação é ainda mais desesperadora.

Bertolini e Valadão (2009) discutem a forma com que o ensino de relevo é abordado em parte significativa das escolas no Brasil. Como algo estático, que não está inserido na realidade do aluno e em muitos casos são trabalhados de forma descritiva e decorativa, o que muitas vezes se torna exaustivo para o aluno. Indo ao desencontro dessa abordagem dos conteúdos de relevo, é preciso trabalhá-lo através das características naturais e físicas do espaço geográfico e demonstrar para os alunos como tais aspectos estão relacionados a vida dos seres humanos.

Corroborando com essa ideia, Neto (2014) entende que o ensino de Geomorfologia, e com isso, o ensino de relevo, serve como subsídio para sensibilizar as pessoas, com o intuito de formar cidadãos capazes de entender a dinâmica da paisagem e como isso os impactos ambientais no lugar onde ele está inserido. Para possibilitar que o aluno reconheça de que forma ele está intrinsecamente ligado ao relevo é necessário abordar o conteúdo segundo duas categorias de análise da Geografia consideradas indispensáveis:

a) a paisagem, que segundo Santos (1988, p. 61) é “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”. Cabe-nos intuir que a paisagem está acima de tudo no domínio do visível, e aí também está o relevo. Nessa perspectiva, Silva et al. (2013) entendem que o relevo deve ser trabalhado de forma dinâmica, de modo que os educandos consigam compreender que os elementos dessa paisagem (relevo, vegetação, etc.) estão interligadas as ações sociais. Com isso, entende-se que tratar o relevo na perspectiva da paisagem não significa apenas concebê-lo enquanto elemento físico e sim com seus significados ideológicos conforme trabalhamos em outro momento.

Segundo Bertolini e Valadão (2009, p. 28), “pensar no relevo em termos geográficos é pensar em como acontece a percepção da paisagem vivenciada pelos alunos”. É necessário, nesse sentido, fazer com que o aluno se perceba como atuante no relevo, e nesse processo, cabe ao professor usar a percepção do aluno para que a aula seja contextualizada com a realidade deste. Entendemos nesse contexto, o papel do processo formativo dos professores, e ressaltamos a importância do arcabouço teórico-metodológico que o licenciando deve adquirir durante o perdurar do curso superior.

Nesse sentido, é válido destacar que vários pesquisadores já realizaram trabalhos com a temática da formação dos professores ou com as suas concepções sobre os conteúdos de Geografia e sobretudo no que tange os aspectos físicos-naturais, a exemplo de Moraes (2011). O que se percebe nesses trabalhos é falta de domínio de conteúdo por parte dos mesmos, o que nos leva a crer que parte do problema se encontra no graduando, pois à medida que ele não constrói esse arcabouço teórico necessário ao exercício da profissão ele propaga em seus alunos o desconhecimento.

Portanto, o educador deve realizar uma transposição didática, permitindo que os estudantes compreendam a importância dos conhecimentos geomorfológicos e visualizem, na escala local, como o relevo está associado nas diversas atividades humanas (BERTOLINI e VALADÃO, 2009).

b) o lugar, entendido como sendo “[...] espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço vivido, do experienciado” (CAVALCANTI, 2013, p. 89). Ressaltamos o papel dessas duas categorias, de modo que é a partir do lugar vivido pelo aluno e da paisagem contemplada por ele todos os dias, que o conteúdo de relevo e o ensino de geomorfologia farão sentido para sua formação, fazendo-os compreender os conceitos que agora estarão associados ao significado que ele atribuiu de forma visual e experimental.

O relevo segundo Santos e Luiz (2019, p. 234) “[...]se constitui no conjunto de formas morfológicas da superfície da Terra, incluindo também os processos modeladores destas, tanto derivados da dinâmica superficial quanto da dinâmica interna do planeta”. É formado por agente internos (endógenos) a exemplo os abalos sísmicos, vulcanismo e tectonismos e são transformados por agentes externos (exógenos) ou esculpidores, estes vão agir sobre uma forma de relevo pré-existente como planaltos e depressões, são eles: intemperismo físico, químicos, biológico e erosão.

No que se refere as formas de relevo temos pelo menos 4 (quatro): Planaltos, Montanhas, Depressões e Planície, denominadas de macroformas. No entanto, nos referimos neste trabalho somente ao relevo brasileiro, que de acordo com Ross (2011) teve várias propostas de classificação do relevo, dentre elas o autor destaca Aroldo de Azevedo (1949) que classificou em: Planaltos e Planícies e Ab’Saber (1970) que propõe uma classificação que leva em consideração a estrutura associada as regiões e outra que ele trabalha com a ideia de domínios morfoclimáticos e classifica em: Domínio dos chapadões; Domínio das regiões serranas; Domínios de depressões semiáridas; Domínio dos planaltos sub-tropicais; Domínio das Coxilhas subtropicais; e Domínio das terras baixas equatoriais.

No ano de 1992 Jurandy Ross elaborou uma proposta de classificação taxonômica, definindo seis táxons: 1º unidade morfoestrutural, 2º unidades morfoesculturais, 3º padrões de formas de relevo, 4º tipos de forma de relevo, 5º tipos de vertente e 6º formas de processos atuais (naturais e antrópicos). Destacamos nesse sentido, para o contexto deste trabalho, a primeira taxonomia que classifica em: Planaltos, Depressões e Planície (ROSS, 2011).

Como já destacado, o componente relevo não é estanque e sim dinâmico, sofre transformação ao longo do tempo, essas que podem ocorrer de forma lenta e imperceptível ao ser humano, ou rápida em detrimento da ação do ser humano. E nesse sentido apresentamos a nova classificação do relevo brasileiro proposta por Ross; Cunico; Lohmann (2023), que define as macroformas do relevo brasileiro, composta agora por Montanhas, Planaltos, Superfícies Aplainadas/Depressões, Tabuleiros Costeiros, Planícies Marinhas e Fluviais. Em comparação com a classificação anterior, observa-se que as macroformas a qual Ross (2011) atribui o caráter geomorfológico se mantém, no entanto, novas formas são destacadas, estas foram elaboradas com base na esculturação do relevo (ROSS; CUNIC; LOHMANN, 2023).

Diante do exposto, fica evidenciado a complexidade que é trabalhar a temática de relevo, principalmente no contexto escolar. Daí, podemos compreender o motivo da simplificação do

conteúdo no livro didático e pelos professores de geografia, mas não concordamos com tal simplificação. Neste sentido, por mais simplificado que seja o conteúdo, é pertinente que o professor consiga contextualizá-lo com a realidade na qual a escola está inserida.

## **REALIZAÇÃO DA REGÊNCIA**

A regência configura-se uma das etapas mais importantes do Estágio, pois este é o momento que o estagiário terá que planejar e executar uma aula, sendo ele o responsável por conduzir a turma. O tema da regência “Aspectos Físicos do Brasil: Relevo”, aplicado em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental.

Os objetivos propostos para serem alcançados ao final da aula foram os seguintes, compreender as classificações do relevo brasileiro mais recentes propostas pelos geógrafos Aziz Ab’ Saber e Jurandy Ross; Relacionar as estruturas geológicas com as formas de relevo existente no Brasil; Reconhecer e localizar as principais formas do relevo brasileiro; Identificar a formação de relevo locais em que está localizado o sítio urbano da cidade de Coari – AM.

Na aula foram abordados os seguintes temas: ciclo do relevo, escala geológica, agentes formadores e transformadores do relevo, formas de relevo, que foram planejados para ser aplicado em uma única aula. Cabe ressaltar que o planejamento docente para Mengolla e Sant’ana (2001, p. 4) *apud* Silva (2017, p. 3) “é um instrumento de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação”. Na organização de uma aula esse planejamento não é diferente, pois nele estão todos os passos e metas estipulados pelo professor quanto o que se espera do desenvolvimento da aula.

A aula foi executada com o auxílio de uma apresentação com projetor, que facilitou a visualização de imagens e dos conceitos. Para realizar a contextualização do conteúdo a ser trabalhado, foram utilizadas imagens de satélite da cidade Coari e da área territorial do município, além da elaboração de perfil de elevação (Figura 02), construído com o auxílio do Google Earth Pro.

Figura 02: Imagem de satélite da rua onde fica localizado a escola, 2023.

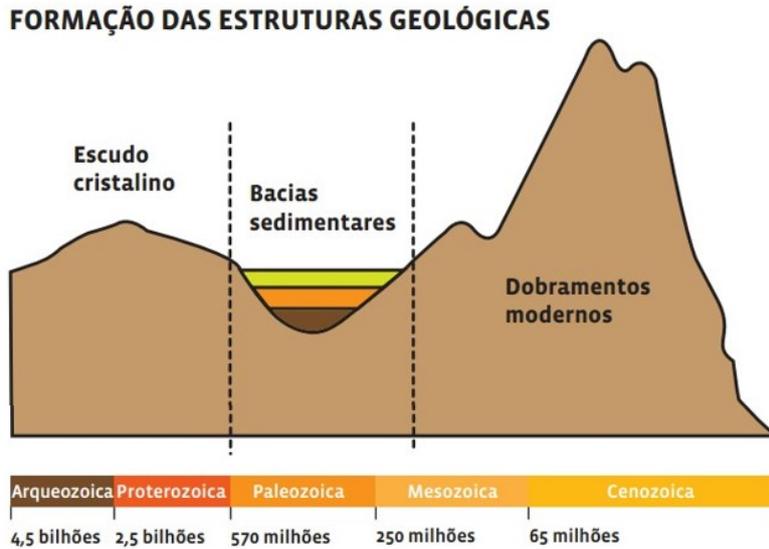


Fonte: Google Earth, 2023. Elaborado pelo autor, 2023.

A imagem acima exemplifica como foi utilizado o recurso com o intuito de incentivar a problematização e contextualização do conteúdo trabalhado. No entanto, antes de mostrá-la foi lançada a seguinte indagação para os alunos: o que vocês entendem sobre relevo? As respostas imediatas foram: “é onde a gente anda”, “são as montanhas”. Diante das colocações dos estudantes, os instigamos a lembrarem as características do entorno da escola, e um dos pontos levantados por eles foi as irregularidades do terreno, que na conceituação deles são denominadas de “ladeiras”.

A partir dos apontamentos dos estudantes foi apresentado o conceito de relevo utilizado na aula como sendo “o conjunto de formas da crosta terrestre, manifestando-se desde o fundo dos oceanos até as terras emersas (continentes)”. Para fundamentar de forma visível o conceito, é que foi apresentada a imagem (perfil), mostrado a eles as irregularidades do terreno na qual a escola deles está assentada. Após a problematização do conteúdo, e conceituação, a aula foi de fato iniciada, com uma pequena revisão sobre a estrutura geológica, isso porque o relevo tem ligação direta com esta, ou seja, a composição física do relevo está intrinsecamente ligada as estruturas. Para abordar as estruturas geológicas utilizamos de um perfil (Figura 03), que mostra as estruturas geológicas do continente Sul Americano.

Figura 03: Estruturas Geológicas do planeta Terra.



Fonte: Disponível em: <<https://mastergeografia.wordpress.com/2017/05/25/litosfera-3-aestrutura-geologica>>. Acesso em: abril de 2023.

Foram apontadas as estruturas de modo geral: Escudos Cristalinos (os mais antigos); Bacias sedimentares (pela sua configuração recebe sedimentos de outras estruturas); e Dobramentos modernos (são estruturas mais jovens). Desse ponto foram apontadas as estruturas geológicas em escala nacional e local através de um mapa (Figura 04).

Figura 04: Estrutura Geológica do Brasil.



Fonte: Disponível em: <https://www.tudogeo.com.br/2020/05/16/estrutura-geologica-do-brasil/>. Acesso em: abril de 2023.

A figura 04 foi utilizada como o intuito de apresentar para os estudantes a Estrutura Geológica em que o Brasil está assentado e fazê-los identificar de forma autônoma a Estrutura em que eles estão inseridos. O exercício de fazê-los se localizar no mapa teve um retorno positivo, visto que eles conseguiram realizar com facilidade. Ainda sobre as estruturas buscamos trabalhar com eles os minerais que se destacam em cada uma delas, os estudantes apontaram nos escudos cristalinos: ouro, ferro e alumínio. Quanto que nas bacias sedimentares eles não souberam responder, e nesse momento que fizemos uso da realidade deles, fazendo-os lembrar da principal receita econômica do município de Coari.

A resposta dos alunos foi imediata, o petróleo, nesse sentido buscamos explicar o porquê de haver petróleo na bacia sedimentar da Amazônia. Para isso, falamos sobre o acúmulo de sedimentos que possibilitaram a presença do petróleo no município de Coari, explicamos que a bacia sedimentar é uma estrutura rebaixada e por ter essa característica permite que haja esse acúmulo de sedimentos. Ressaltamos que não é somente esse fato que caracteriza a presença do petróleo na região e, que este é um mineral presente apenas em regiões onde em algum momento do tempo geológico já houve um mar, seguindo essa premissa levamos estes a perceber que na região de Coari, tudo que é terra firme hoje, um dia já foi mar, frente a essa conclusão por parte dos alunos, elucidamos que o referido tinha comunicação com o Oceano Pacífico, no entanto, com o soerguimento da Cordilheira dos Andes, ocorrido também no tempo geológico, o mar foi bloqueado.

De modo a fazê-los visualizar para melhor compreender o processo de acumulação de sedimento recorremos a (Figura 03). A ideia era mostrar que a Bacia Sedimentar onde eles estão inseridos é cercada por dois escudos cristalinos, o que permitiu o represamento do mar, ou seja, um divisor de águas, que pela ação dos processos erosivos fornece sedimentos para a Bacia Sedimentar Amazônica. Para que eles pudessem materializar o exposto, foi mostrado o mapa de alto-relevo, que teve o objetivo de mostrar de que forma aquela abstração trabalhada estava materializada no mundo real<sup>3</sup>(Figura 05).

---

<sup>3</sup> Deixamos claro para os alunos que o mapa de relevo não se constituía em quanto realidade, mas sim como representação simplificada desta.

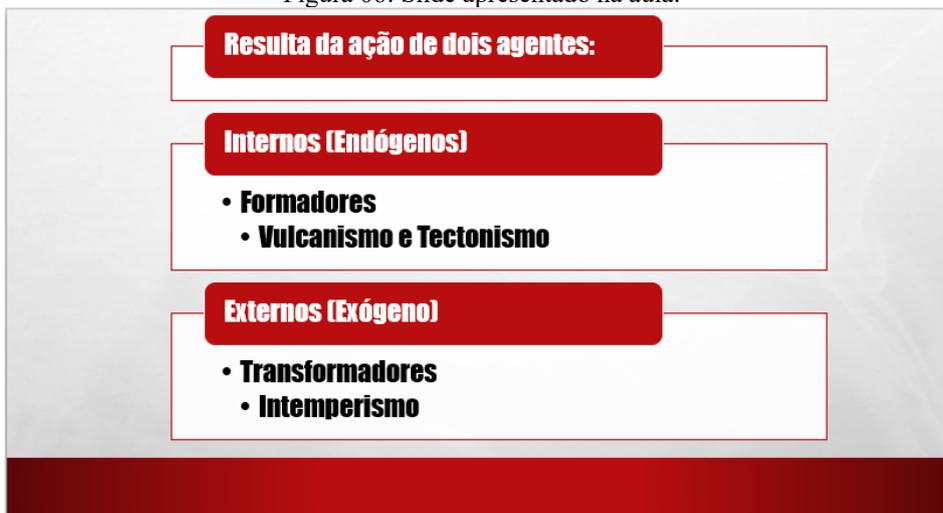
Figura 05: Mapa de elevação.



Fonte: Souza, 2020.

Feito a introdução do conteúdo passamos a abordar o relevo de fato, destacando que este é fruto da ação de dois agentes principais, para isso utilizamos a estrutura presente na (Figura 06). Os agentes endógenos (internos) como formadores, destacando o tectonismo (movimento das placas tectônicas) e vulcanismos. O primeiro diz respeito as forças que atuam no interior da Terra de forma lenta e continua, de forma que provocam o deslocamento de materiais. As placas tectônicas podem se chocar (convergência), se afastar (Divergência) ou deslizar ao longo de outras (subducção).

Figura 06: Slide apresentado na aula.



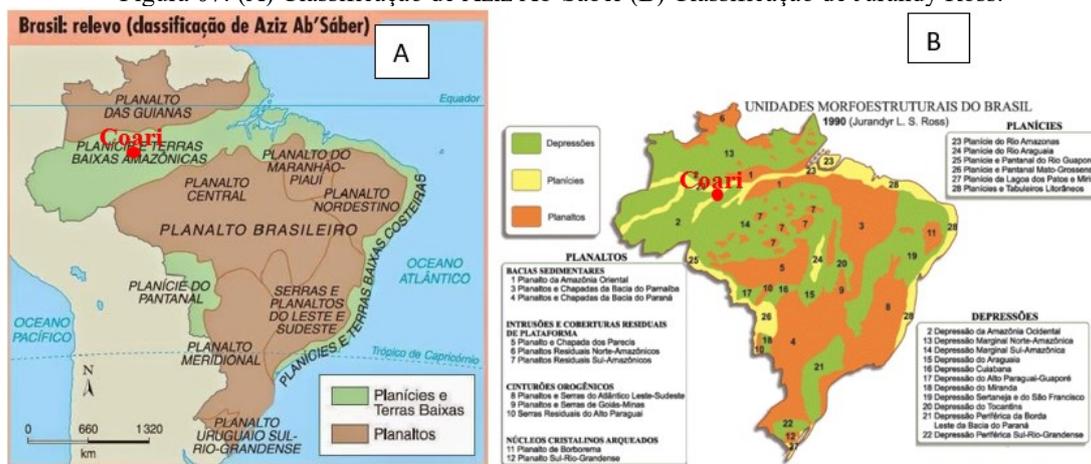
Fonte: Acervo do autor, 2023.

A exemplo, o segundo ocorre quando o magma superaquecido ascende por convecção térmica. Quantos aos agentes externos (exógenos), são os modeladores e dizem respeito as formas que agem sobre o relevo, o moldando a forma que nós o observamos. São estes os principais agentes externos: intemperismo físico, químico e biológico e a erosão eólica, fluvial e pluvial. A forma como apresentamos os conceitos, foi escolhida por entendermos ser a melhor para que os estudantes compreendessem as ideias abordas e não se prendem em uma apresentação carregada de textos, uma vez que isso poderia tirar a atenção dos mesmos.

Diante da apresentação dos agentes que dão forma ao relevo apresentamos as principais formas de relevo, sendo eles: Montanhas, Planaltos, Depressões e Planícies. A opção em abordar somente as macroformas se deu em virtude do curto tempo da regência, que durou apenas 45 minutos, jugamos que não seria interessante abordar as microformas porque seria muita informação para os alunos absorverem.

Ressaltamos que para trabalhar as formas de relevo brasileiro, buscamos por duas classificações, a de Aziz Ab'Saber (1970) que classificou em (conjunto de planaltos e planícies) e a de Jurandy Ross (2011) que classificou em 28 unidades de relevo (planaltos, depressões e planícies) (Figura 07 e A e B). Destacasse que o primeiro autor não utilizou o critério altimétrico para elaborar seus estudos, já o segundo teve todo um aparato técnico e tecnológico para formular sua classificação, o mesmo também utilizou de estudos anteriores e os dados coletados no Projeto RadamBrasil (ROSS, 2011).

Figura 07: (A) Classificação de Aziz Ab'Saber (B) Classificação de Jurandy Ross.



Fonte: Disponível em: (A) <<https://chicomarchese.wordpress.com/material-para-aulas/>>. (B) <https://escolaeducacao.com.br/classificacao-do-relevo-brasileiro/>. Acesso em: abril de 2023.

Todas as macroformas do relevo foram abordadas, no entanto, enfatizamos a planície e de forma particular a planície Amazônica, onde o aluno está localizado. Dessa forma definimos o que é a planície, de acordo com Ross (2011) classifica a planície como sendo áreas essencialmente planas, sem muitas elevações, como os planaltos e, geradas por deposição de sedimentos de origem lacustre, marinha ou fluvial. Para que eles pudessem entender o conceito apresentamos a eles perfis do relevo da área próxima ao lago que margeia a cidade de Coari (Figura 08).

Figura 08: Perfil de elevação da área próxima ao lago de Coari.



Fonte: Google Earth Pro, 2023 elaborado pelo autor, 2023.

Na imagem (perfil) os estudantes puderam localizar-se e perceber que não há grandes variações de altitude conforme o autor aponta no conceito. Dessa forma, a partir da paisagem visualizada e vivida por eles, estes conseguem entender a partir do lugar o conceito de forma universal, em outras escalas.

Ao término da aula aplicamos uma atividade aos alunos, essa que contava com 6 questões dissertativas. O intuito da atividade foi para que os alunos pudessem fixar os conteúdos trabalhados na aula e para que pudessem obter o retorno de como eles receberam a aula, se a proposta metodológica teve efeito positivo ou negativo. No entanto, ressaltamos que devido o termino do estágio ter acontecido não tivemos mais contado com os alunos ou com a professora titular da turma.

É valido destacar que o ato de ensinar é difícil, e muito mais difícil é abordar o conteúdo de relevo em uma única aula, este ato vai além da mera exposição de conteúdos, de forma que o professor precisa além de seu conhecimento teórico, saber relacionar com a realidade em que o aluno está inserido, isso se faz ainda mais necessário quando se trata de um componente curricular que a décadas

vem sendo tratado na Educação Básica como mera ciência descritiva. Ressalta-se que durante a regência houve ampla participação dos alunos, mesmo que um ou outro não tenha dado a devida importância ao tema. Todavia, para a superação dessas barreiras, Neta e Andrade (2011, p. 06) *apud* Silva (2018, p. 11) destacam que:

cabe ao professor buscar caminhos e alternativas para a construção de uma nova Geografia que tem como fator principal, propiciar aos estudantes a compreensão de aspectos essenciais do cotidiano e da vida social ao tentar a leitura do espaço e das relações do homem com seu meio.

Diante do exposto, a aula foi ao encontro desses novos caminhos, uma vez que buscou-se relacionar os conceitos e conteúdos a vivência dos alunos, como exemplo dessa aproximação foi trabalhado imagens da cidade e levantadas indagações a respeito da produção de gás e petróleo no território destes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Trabalhar o conteúdo do relevo é uma atividade complexa, uma vez que o mesmo envolve uma série de outros fatores como estrutura da Terra, movimentos internos e externos do planeta. Dito dessa forma, é um estudo dinâmico e não estático como apontado e abordado em muitos livros didáticos e por conseguinte por muitos professores.

O ensino de relevo no âmbito da Geografia Escolar é ainda mais desafiador, principalmente pelo pouco tempo que o professor tem para trabalhar os conteúdos e sobretudo pela falta de material didático que este dispõe. Nesse sentido, é válido ressaltar a importância de se utilizar a realidade do aluno como ponto de partida para trabalhar os conteúdos concernentes ao relevo, de forma que este consiga se ver como atuante em uma forma de relevo.

É imprescindível nesse sentido que trabalhemos os conteúdos de relevo da forma contextualizada com o que o estudante vivencia, qual o tipo de relevo predomina onde ele mora, os fenômenos naturais que podem ocorrer em determinada forma de relevo e principalmente como este aluno pode impactar ou ser impactado por esses fenômenos, mostrar também que a forma de relevo em que ele mora muitas vezes está ligado ao fator econômico.

Trabalhando dessa forma, romperíamos com o ensino de Geografia desarticulado com a realidade, e o contextualizaríamos à medida que fizéssemos a associação dos aspectos físicos e sociais. Ressaltamos que os conceitos não podem de forma alguma deixar de ser apresentados, isso porque o estudante deve desenvolver a habilidade de compreender os conceitos e sua aplicabilidade.

Portanto, destacamos a importância de discutir a temática, tendo em vista que são temas bastante recorrentes, ainda mais nesse momento em que o sistema de ensino brasileiro passa por mudança. Os resultados alcançados nesse trabalho não se configuram absolutos, mas buscam oferecer uma possibilidade de trabalhar o ensino de relevo e dar base para outras pesquisas que envolvam a temática.

## REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. **Geomorfologia**, n. 20, p. 1-26, 1970. Disponível em: [https://biblio.fflch.usp.br/AbSaber\\_AN\\_1348920\\_ProvinciasGeologicas.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/AbSaber_AN_1348920_ProvinciasGeologicas.pdf). Acesso em: 02 out. 2023.

ALVES, V. A. de R.; AVELAR, G. A. de. Fragmentação do conhecimento e seus reflexos na geografia: a dicotomia Geografia Física e Geografia Humana. **Espaço em Revista**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 101-122, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/espaco/article/view/67593>. Acesso em: 1 out. 2023.

BERTOLINI, W. Z., VALADÃO, R. C. A abordagem do relevo pela geografia: uma análise a partir dos livros didáticos. **Terræ Didática**, 5(1):27-41, 2009.

BRITO, D. G.; MELO, J. A. B.; SILVA, G. C. **O ensino de geografia**: trabalhando o relevo através das categorias geográficas lugar e paisagem. Anais V ENID & III ENFOPROF / UEPB. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/11738>. Acesso em: 5 set. 2023.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CASSETI, V. O Relevo no Contexto Ideológico da Natureza: Uma Nota. **Boletim Goiano de Geografia**, 14(1):103-115, jan./dez. 1994.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

CAVALCANTI, L. S. O lugar como espacialidade na formação do professor de geografia: breves considerações sobre práticas curriculares. **Rev. Bras. Educ. Geog.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 01-18, jul./dez., 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: A pedagogia crítico-social dos conteúdos. 19. ed. São Paulo: Loyola, 1985.

MENEZES, V. S. **Geografia escolar**: as concepções teóricas e a epistemologia da prática do professor de geografia. 2016. 204 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MORAIS, E. M. B. de. **O ensino das temáticas físico-naturais na Geografia escolar**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NETO, A. D. S. Abordagens do ensino de geomorfologia no Ensino Básico. **Revista GEONORTE**, v. 10, n. 1, p. 44-46, 2014.

NETO, F. O. L.; BARBOSA, M. E. S. O ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia escolar. **GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 1, n. 2, p. 160-179, jul./dez., 2010.

OLIVEIRA, A. O. S. A.; NETO, J. O. R. N. Contextos e significados do relevo para o ensino de geomorfologia. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 31, v.1, 2009.

PINHEIRO, I.; LOPES, C. S. A Geografia na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): percursos e perspectivas. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 39, 2021.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANLLI, T. L.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

ROSS, J. L. S. O registro cartográfico dos fatos geomorfológicos e a questão da taxonomia do relevo. **Revista do Departamento de Geografia**, [S. l.], v. 6, p. 17-29, 2011. DOI: 10.7154/RDG.1992.0006.0002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47108>. Acesso em: 30 nov. 2023.

ROSS, J. L. S. Relevo brasileiro: uma nova proposta de classificação. **Revista do Departamento de Geografia**, [S. l.], v. 4, p. 25-39, 2011. DOI:10.7154/RDG.1985.0004.0004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47094>. Acesso em: 30 set. 2023.

ROSS, J. L. S.; CUNICO, C.; LOHMANN, M. **Mapas do relevo brasileiro**: duas classificações. In: SOBRINHO, J. F.; SOUZA, C. J. O.; ROSS, J. L. S. A natureza e a geografia no ensino das temáticas físico-naturais no território brasileiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.

SANTOS, L. A.; LUIZ, E. L. Ensino dos conteúdos sobre relevo na Geografia Escolar: análise de uma coleção de livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental. **Geografia (Londrina)**, [S.L.], v. 28, n. 2, p. 233, 6 jul. 2019.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, J. L. B. Estágio curricular supervisionado em geografia: um relato de experiência sobre a observação e prática docente. **Anais VI Conedu**, 2018.

SILVA, J. R. de O. A Importância do Planejamento e da Coordenação Pedagógica no Contexto Escolar. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 2, ed. 01, v. 01, 2017. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/>>. Acessado em: 17 abr. 2023.

SILVA, R. F.; MACÊDO, F. E.; PEREIRA, C. E. G.; DANTAS, J. V. E. A geomorfologia na interface com o ensino de geografia: uma proposta de didática para o relevo. **Anais do 12º ENPEG**, 2013.